

## ASSIGNATURA

Anno .....	\$8.
Semestre .....	5.
Trimestre .....	3.
Folha avulsa .....	25 avos.

Assigna-se no Escriptorio da redacção, Travessa do Governador No. 2.

## TA-SSI-YANG-KUO

國 洋 西 大

Semario Macaense d'interesses publicos locais, litterario e noticioso.

## ANNUNCIOS

PARA OS SUBSCRITTORES,  
Não excedendo de 20 linhas, ..\$1.  
Excedendo de 20 linhas, 5 avos por linha.

PARA OS NÃO SUBSCRITTORES,  
Não excedendo de 10 linhas, ..\$1.  
Excedendo de 10 linhas, 10 avos por linha.

19. ANNO

QUINTA-FEIRA 22 DE OUTUBRO DE 1863.

No. 3

## EXPEDIENTE.

*Tendo esta administração unicamente em vista facilitar ao publico a aquisição do seu jornal, declara que todas as pessoas que assignarem por um anno poderão, querendo, dividir a sua assignatura em quatro prestações, pagando, no fim de cada trimestre a importância vencida de \$2.*

MACAU 21 DE OUTUBRO

O AMOR ao estudo é um distincto sentimento, que ennobrece o coração humano.

Quando o homem se inflamma no desejo de saber, e pelo estudo consegue a instrução, eil-o ao alcance da sua propria dignidade, eil-o com a consciencia do que é e do que póde, estudando-se a si mesmo, e rasgando o véo que lhe encobria o conhecimento da sua propria natureza e dos seus fins.

Então actua uma força sobre sua intelligencia e liberdade. É o progresso, é a intuição do homem no futuro.

O estudo só póde ser despreso por quem não conhecer o prol dessa delicia intellectual, mas o homem é, por assim dizer, guiado pela mão da natureza para o seu aperfeiçoamento. Intermediario sublime entre o Creator e a criação, tem elle um espirito penetrado de ideias, e uma alma repassada de sentimentos, e, com os bellos attributos da razão e da intelligencia, não póde despresar um principio que se liga intimamente com a sua organização, cuja natural consequencia é na peregrinação da vida o seu maximo interesse, e alem-mundo a sua verdadeira felicidade.

O estudo é o salutar principio do progresso do melhoramento do estado social das nações—é a pedra angular deste edificio gigante, porque, nascendo delle a instrução, e desta a illustração, resulta das duas a civilização.

A instrução tem a propriedade de vincular ao coração do homem os mais nobres sentimentos—é uma fonte perenne de quanto ha grande e generoso.

A sua proficua luz, esclarecendo a intelligencia, e illustrando o espirito, habilita o homem a cumprir os seus deveres para com Deus e para com a sociedade, dando-lhe um criterio, por onde afira todas as suas acções, para poder discernir o falso do verdadeiro.

D'entre o labyrintho das questões hodiernas, sobressae sempre o pensamento de que é necessario que o povo comprehenda as suas immundades, e que mais ou menos, entre nos principios fundamentaes da economia social e da politica, da administração publica, da hygiene, da moral, e de tantos outros meios conducentes á prosperidade do novo edificio social. Mas para a consecução deste desideratum é indispensavel que todo o individuo tenha um maior ou menor grau de instrução, porque de nada serviriam

as boas doutrinas que a imprensa liberal dirige ao povo, se o povo as não soubesse ler. As armas, com que os homens hoje combatem para vindicar os seus direitos, são as armas da intelligencia, e por tanto é preciso que cada um se exercite no seu manejo.

É verdade que o estudo não cria as facultades, mas melhora-as e robustece-as. E alem disso a mais bella parte do nosso ser não póde existir sem alimento, porque aliás perderia o homem a harmonia que lhe garante a preeminencia de homem, para viver com essas hordas anormais, que se chamaram gente só pelas formas da materia organizada.

O mancebo estudioso tem sempre mais conhecimentos do que o ancião analfabeto, embora aquelle esteja na primavera da vida, e este no inverno da existencia.

O ancião póde ter adquirido aquella somma de conhecimentos, que a pratica de muitos annos costuma dar, mas muito abaixo deve estar do nivel do mancebo, que estudou livros sancionados pela experiencia de seculos.

Um pequeno estudo mesmo, ou apenas a assidua leitura de livros classicos, já offerece alguma instrução e recreio, e dispõe o espirito para a boa locução.

O homem de talento, sem estudo, é qual terra fecunda sem fertilização; e não é menos prejudicial á sociedade a falta do estudo que a do arado.

Quantos talentos se hão sepultado na obscuridade por falta de cultura, e quantos outros cultivados têm constituido a honra do paiz que os produzira!

Se o homem é na terra a obra prima do Creator; se, ornado das facultades intellectuales, é o esplendor da escala zologica, e se a sua organização physica e moral permite o aperfeiçoamento dessas facultades, porque não ha de elle aperfeiçoar-as para poder cumprir a sua alta missão?!

Finalmente, sendo o homem o unico ente no mundo a quem Deus liberalizára a disposição para o estudo, commette uma ingratição para com Deus, sempre que desprese essa luz tão proficua e salutar.

E desgraçadamente ainda hoje em Portugal mesmo ha aldeias analfabetas. Pois não é por incuria do governo, que bastantemente tem derramado as fontes de instrução publica; é por uma crença rutineira, que ainda existe inoculada no coração de alguns povos.

Em Macau, porém, não nos consta que em tempo algum houvesse despreso pelo estudo; ao contrario, ha exemplos de que a infancia macaense tem sido sempre estudiosa.

Em todo o tempo que o collegio de S. José esteve a cargo da congregação das missões, tinham ali os macaenses uma boa fonte de instrução, onde concorriam

em grande numero, e é inquestionavel que alguns eruditos ali se fizeram. Mas este collegio, por effeito de acontecimentos politicos, cahiu mais tarde em uma total decadencia, ficando como esquecido dos nossos governos, e a educação dos filhos desta terra resentiu-se d'ella por longo tempo.

Ha uns dois annos, porém, um cavalleiro respeitavel tratou, por todos os meios ao seu alcance, de preencher esta perigosa lacuna. Sollicitou o coadjutorio de outros homens de coração e o auxilio do governo, e fundou uma escola, em ordem a distribuir regularmente o pão do espirito; e esta instituição magnifica offereceu desde logo uma dupla utilidade, porque ao mesmo tempo que começava a derramar a luz da instrução, serviu de incentivo ao governo, que fez reviver o collegio de S. José, conservando-lhe o honroso titulo de seminario.

Ahi estão, pois, duas bellas origens de educação e de saber, cujas portas, abertas de par em par, recebem avultado numero de alumnos, que, levados por um verdadeiro amor ás letras, concorrem a escutar os seus douts e conspicios professores.

## A "NAÇÃO" E O TRATADO PORTUGUEZ COM A CHINA.

RARAS vezes lemos a *Nação*, de Lisboa;—não porque deixémos de tributar á sua illustre redacção o acatamento que a contemporaneidade litteraria ordena, sobretudo aos inferiores,—mas porque...—permitta-se-nos a franqueza, visto ser preciso dar um motivo,—quando a illustrada e benefica tolerancia da época dá lugar a tantos jornaes, mal nos sobra o tempo e de todo nos escaccia a propensão natural para estudar doutrinas a que geralmente nos não arrasta uma decidida sympathia, por muito sincero que seja o respeito que lhes votámos.

Parecerá ociosa a muitos esta profissão de desaffecto, quando ninguem nos veio pedir uma declaração de amores. Vem ella a explicar todavia o como nos foi estranho por alguns mezes um artigo que a *Nação* escreveu, em dezembro de 1862, sobre o Tratado entre Portugal e a China, negociado em Pekim e assignado em Tientsin em meados do mesmo anno. N'esse artigo,—que já não temos presente, mas cujo theor se collige facilmente do que em seguida transcrevemos,—dizia-se, bem contra a opinião de todo o jornaalismo portuguez que fallára do assumpto, que o Tratado fizera descer Portugal á uma posição inferior á que antes occupára na China; que rasgára o nosso brilhante passado n'este imperio com os gloriosos documentos que d'elle tinhamos herdado; e que, estipulando muito diffusamente o que deixava d'existir, nem de leve se occupára do que ficava existindo.



Tarde, ou cedo, era mister responder ; e, não o havendo algum feito antes, tomámos por dever essa fácil tarefa, dirigindo a breve correspondencia, que abaixo se lê, a um jornal de Lisboa, pois que inserir a resposta no Boletim de Macau, unica folha que então aqui se publicava, seria, quando no-lo admittissem, dar-lhe uma importancia que ella não podia ter e a que nem de longe aspirava.

A *Nação* n.º 4502, de 10 de Dezembro do anno passado, toma por objecto do seu primeiro artigo, a refutação dos louvores com que todo o resto da imprensa de Lisboa festejou o tratado portuguez com a China, assignado em Tien-Tsin, em 13 d'agosto.

Não nos custa sahir a campo n'este assumpto, quando mesmo se nos tenha n'elle por suspeitos. Accompanhamos, certo é, o plenipotenciario portuguez na negociação do tratado; mas, obtido o fim, a missão terminou, e, hoje, o muito indigno secretario d'ella tem a liberdade, cremos, de discutir aquelle documento, sem presumpções de maior competencia, mas com o auxilio de toda a noticia que obrigadamente havia de ter do objecto.

Desajuramos, contudo, que esta resposta fosse provocada mais tarde. Não estando em vigor ainda o tratado, não é licita a publicação de um protocolo, que patenteie as difficuldades vencidas, nem conveniente a de muitos documentos de diversas datas, que denunciam as grandes vergonhas que se lavaram com a assignatura de 13 d'agosto. Responderemos portanto em poucas linhas, (que nem a questão precisa de tamanhos argumentos para ser clara) e valha-nos ao menos o laconismo a que ainda hoje estamos obrigados para afastar de nós quaesquer indícios de paixão, que, por infinita superfluidade de provas, se nos quizesse descobrir na resposta.

É visível o fito do artigo. Esforçada immortalisadora do passado, a *Nação* julga dever no desempenho d'essa divisa, aliás venerabilissima, arremessar-se na investida sem treguas do presente, e só retirar o cartel satisfeita perante a confissão franca de uma decadencia, cujas causas e ponto de partida, em muitos assumptos, poderiam, não obstante, ser ainda assim discutidos. Pessimista do presente, a sua missão, perdoo-nos dizer-lho, é simplesmente condemnar.

Nas suas doutrinas ha a descrença que arrefee a alma, a desanimação que paralisa a vida, e a crel-as, dir-se-hia por vezes que nada mais resta do que incendiar tudo o que existe em holocausto aos males de tudo o que passou!

É assim que, ao artigo citado, só uma unica resposta a *Nação* julga admissivel, a confissão do sermos pequenos, desculpando a inferioridade das nossas conquistas de agora; mas essa resposta, que não só admittio, como exige e se mostra segura de obter, não seremos nós quem l'ha de no presente assumpto, que se seria aceitar por verdade a completa insensencia de factos.

Ha um inconveniente grande em exagerar desmedidamente as incredulidades gloriosas de um paiz. Restabelece a verdade da historia, a nação que tiver pergaminhos de sobra para não precisar hyperboles officiosas, ha do parecer villa a quem por candura se levou d'ellas. O artigo da *Nação* é o mais arrojado specimen d'este genero que ainda hemos visto, e, para prova, temos por desnecessario transcrever-lo todo: bastam quaesquer oito linhas d'elle.

Diz-se alli, por exemplo: "Eramos a nação da Europa que tinha mais antigos tratados com a China; . . . —Quaes?"

"a unica que tinha dominio no territorio chinês; . . ." Nenhuma o teve, reconhecido, até 1842. N'esse anno, o tratado de Nankin deu Hong-Kong aos ingleses, e, em 1860, a convenção assignada em Pekim em 14 de novembro, trouxe as fronteiras russas até ao rio Amoor.

"... a unica com quem a China por muito tempo contrahiu; . . . —Quando e onde?"

"... a unica cujos subditos penetravam no imperio; . . ."—Nunca existiu semelhante privilegio. Os missionarios portuguezes entraram na China, não o deveteram á sua nacionalidade, mas á destindade; que não poucas vezes pagaram com a vida. Foi tambem sem outra alguma recommendação, que Marco Polo penetrou na China e em Pekim, antes de nós.

"... a unica que a titulo de um astronómo tinha na corte de Pekim uma especie de residente; . . ."—É uma gloria para a companhia de Jesus, para a religião e para a sciencia. Os imperadores da China nunca pensaram fazer concessões a nação alguma do occidente quando protegeram os jesuitas e outros sabios religiosos. Aos nossos reis cabe certamente a honra de haverem ajudado, por todos os meios ao seu alcance, os missionarios a chegarem á China; mas logo que avistavam as costas do imperio, nada aproveitava a estes aquella protecção, nem o seu mesmo caracter de apostolos do Evangelho. A habilidade em algum officio mechanico, e o conhecimento das bellas-artistas, ou das sciencias mathematicas, eram para os missionarios os unicos e indispensaveis titulos de admissão na China. Quanto aos membros do *tribunal das mathematicas*, o unico facto de serem l'hes dava nacionalisacão chinêza, que não podiam desmentir sem perda do cargo, e da cathedra e consideração a elle inherentes.

"... a unica que alli levou a luz do Evangelho; . . ."—A primeira sim, mas não a unica.

"... a unica que até a 1852 conservou no imperio missões e par consequente relações amigaveis. . . ."—É tambem falsa a expressão. Ha longo tempo que os missionarios estrangeiros entraram na China.

"... a unica que conseguiu não só abrir templos, mas levantar na propria capital de Pekim uma cathedra. . . ."—Ha ainda aqui inexactidão. A igreja de *Thien-tchou-thang*, tambem no interior de Pekim, posto que antiga, não foi levantada por nós.

A *Nação* ignora pois, com admiracão o vemos, toda a historia do estabelecimento e permanencia dos portuguezes na China. Ignora que o nosso passado n'esta imperio era, se bem que brilhante e glorioso, a principal difficuldade a vencer na negociação do tratado! Que l'he dirmos nós? Será preciso repetir que de todo esse periodo de treze, e de quarenta e seis annos, que tem decorrido desde que temos trato e relações com a China, nem um documento sequer nos ficou em que se assegurassem estipulações in-

ternacionais de um modo honroso e digno para a corôa de Portugal? Que, pelo contrario, em não poucos documentos fomos tratados como subditos? Que as duas embaixadas portuguezas que poderam chegar a Pekim se viram obrigadas a limitar as suas negociações, e ainda assim esterilmente, á discussão do ceremonial mais ou menos humilhante que deveriam observar na presenca do imperador, e á entrega dos presentes que os chins denominavam tributos? Que o nosso commercio foi apenas tolerado, quando o foi, e nunca animado ou bem acaçado? Que fomos exterminados com horrivel mortandade em Liampó, banidos de Chinchou, e só admittidos em Macau como em territorio chinês? É triste fallar continuamente n'isto!

Consulte pois a *Nação* a historia das antigas relações dos portuguezes com a China e verá que, sem elle mais mil brilhantes em factos isolados e individuaes, nenhum direito internacional e politico nos deixaram contudo que as fundamentasse dignamente.

Não defenderemos o tratado depois do que fica dito. Se a *Nação* indaga quaes são os documentos inutilizados pelo art. 2o, não sentiria tanto a perda d'elles, e avaliaria em mais o mesmo artigo. Quanto á censura que irroga o tratado, pela maneira, na sua opinão vaga e obscura, porque ali se estipula a independencia de Macau, responderemos com as seguintes palavras que, ainda ha pouco, n'outro lugar, dissemos sobre este assumpto: "O que torna mais digno e honroso o tratado, quanto ao reconhecimento d'esta independencia, é não sacrificarmos os nossos pretendidos direitos do passado á verdadeira consecução do presente, e admittir tacitamente como de ha muito existente a situação que estabelece com solidez no futuro. O reconhecimento simplesmente enunciado nada mais por certo ganharia em clareza, e far-nos-lhe perder muito em dignidade, porque, argumentando-se na exigencia com o passado, não convinha que desmerecesse depois na consecução o proprio argumento que se invocava. Para quem não ignora quanto, apesar da sua excessiva tolerancia, o governo chinês se mostra sempre resistente a quaesquer concessões que definida e claramente confirmem direitos que o lessem, embora de facto elle os haja admittido ha longo tempo, facil será avaliar que trabalho seria a lucta em que não só se obtivesse que a colonia de Macau deixasse afinal de ser julgada territorio chinês por aquelle governo, mas até que esse reconhecimento se enunciasse de forma que nem por isso a mesma colonia fosse considerada menos independente durante um largo periodo, cuja historia mais nos arrixcava a exigencia do que a favorecia ou corroborava."—Finalmente, com referencia ao art. 3o, de que a *Nação* julga resultar grande vergonha ao plenipotenciario portuguez na China, pela estipulação do lugar da sua residencia, reservamo-nos para responder no relatório da missã, que, pela portaria do ministerio da marinha no. 7, de 10 de janeiro d'este anno, nos foi mandado escrever, e esperar-mos fazel-o de modo que torne inadmissivel essa interpretação do artigo citado. Macau, 18 de março de 1863.

Estava, parece-nos, refutado o artigo. Assim o indicou a espontaneidade com que varios jornaes de Lisboa transcreveram a correspondencia, mas só claramente o provou a resposta que a *Nação* nos deu, ao cabo de vinte e quatro dias d'estudo da questão, no seu artigo principal de 10 de julho.

Ei-la :

O *Jornal do Commercio* publicou um artigo escripto em Macau, em que o Sr. Marquez Pereira pretende, não sabemos se refutar, a avaliação que fizemos do tratado com a China em a nossa folha de 10 de dezembro do anno passado, se diminuir-lhe a impressão. Esta segunda pretensão não sabemos se por algum tempo a conseguira; mas a primeira, estamos tão convenientemente persuadidos, de que a não logrou, que nenhum outro meio achamos eficaz de o demonstrar que o de publicar o artigo e a resposta a par um da outra. Não temos a honra de conhecer o illustre secretario da missã chinêza, nem o negociador do tratado, cuja sciencia e patriotismo não é nossa intencão pôr em duvida; mas por mais que os quizermos respeitar não poderemos deixar de avaliar devidamente um tratado que muito menos por falta de diligencias suas, do que por culpavel abandono do governo na questão chinêza, não podêmos, e não podêmos deixar de taxar de miseravel.

A resposta alli a transcrevermos, e n'ella se verá que não faz senão confirmar ou atenuar as nossas avaliações.

Dissemos que o tratado estipula e que deixa de existir, no que respeita á existencia politica da nossa colonia, mas não se atreve a declarar o que fica existindo, ou com o medo de o fazer, ou com a idéa de involver o resultado nas outras estipulações, e que os chins, quando l'hes conviesse, e podessem, haviam de tirar para si da não declaracão do futuro estado, as mesmas consequencias que os governos portuguezes podem querer tirar das novas estipulações, mas agora dizemos mais ainda, e é que até as outras nações que alli estão com estipulações explicitas podem, se tambem l'hes convier, fazer a mesma allegação.

Com que nos responde a isto? Com a nossa ignorancia das consas da China, com a difficuldade da negociação, com artigos do protocolo que não pode publicar, e com estipulações menos gloriosas a que os governos se sujeitaram por vezes no periodo de 346 annos.

Tudo isso pôde ser assim, e o facto allegado ali fica pela sua propria pena confirmado.

E não pense o erudito secretario que a nação portugueza cêra com isso que chama *vergonhas* que se lavaram com a assignatura de 13 de agosto. Estas, se as havia, confirmadas ficam pelo tratado que só apêlla para que nós enganemos, sem se lembrar que tambem os chins nos podem com elle enganar a nós.

E contudo as posições eram diversas. Essas *vergonhas* eram-nos invejadas por espaço de 346 annos por todas as nações da Europa. Napoleão estranhou em Sancta Helena que a embaixada ingleza se não sujeitasse ao ceremonial chinês, a que elle não teria duvida de se sujeitar, fazendo por essa occasião uma profecia que talvez venha a verificar-se. Poderiamos ter sido repellidos em algumas tentativas politicas, bellicas e commerciaes, (qual é a nação que não tem sido?) mas a verdade é que mantivemos sempre a nossa importante colonia, e as relações com o imperio, qualquer que fosse a designação dos representant-

te, quando ninguém mais o podia conseguir, e se era contuante do imperio, tanto maior realce para nós. A destrellencia das tres nações europeas, acharam-nos alli estabelecidos e amigos, e os governos e negociadores portuguezes não souberam tirar nenhum partido desta vantajossima posição; não nos deixam só eguaes aos vindos de novo, mas em muito inferior posição.

Dissemos que o tratado nos collocava não só abaixo das tres nações, mas das outras da Europa em categoria politica, e o artigo, sem a isto responder, só trata de atenuar a açião politica em que nós verdadeiramente collocamos a nação portugueza em relação á China.

Lamentamos que um representante portuguez não caiba onde estillo os das tres nações, quando elle estava costumado a estar alli, aliada que com outras denominações, e a isto diz que se abstiveram de por ora responder.

De resto esforça-se o artigo para attender a posição brilhante e exalta em que a nação portugueza estava collocada na China a respeito das outras da Europa, pondo d'ellas ao que, o mesmo artigo, ou ellas mesmas por si, dão resposta.

Põe em duvida haver tratados, talvez por não terem todas as formas diplomaticas europeas, e chama-l'hes depois *estipulações internacionaes pouco honrosas*.

Não quer que fosse a unica que tinha dominio na China; e l'he que a não tivemos reconhecida. Pergunta quando e onde que a China contrahiu connosco; e não vê que o conheciamos por consentimento, e desembra-se das suas *intervenções estipulações*. Não admittie que entrassemos no imperio, e contudo l'he tivemos negociadores, mathematicos, e bispos; l'he propagamos a Religião catholica e fizemos levantar templos e cathedraes.

Não admittie que a titulo de astronómo tivéssemos em Pekim uma especie de residente, por ser gloria para a Companhia de Jesus, e diz que os nossos reis cobri a gloria de haverem ajudado os missionarios a chegarem á China; e depois da Companhia, não eram os padres de Bilhalletes a quem a nação portugueza facilitava os mesmos ministerios? Não quer que fosse a unica que alli levou a luz do Evangelho e diz-nos que foi a primeira, já se ve que a significação é a mesma (!)

Pretende que não é bem exacto que seja a unica que até 1833 alli conservou missões, porque havia longo tempo que missionarios estrangeiros entravam na China, e esta falta de rigorosa expressão é a unica a que assentimos.

E finalmente, que não fomos a unica nação que conseguimos abrir templos, porque a cathedra não foi levantada por nós. Está claro que não foram os nossos trabalhos, nem talvez o dinheiro do nosso thesouro que a levantou; mas porque influencia a levantariam os christãos de l'ha senão pela dos missionarios; e porque influencia estavam l'os missionarios, e com quejaquida senão pela da nação portugueza?

Já se vê que esta grande e arrogante supermacia da nação portugueza na China sobre todas as outras, não se presta facilmente a deixar-se atenuar, para que as escabrosidades de um desgraçado tratado, pareçam menos odiosas.

Fazemos justiça ás difficuldades em que se achariam os negociadores, devidas principalmente aos governos que não souberam manter a nossa posição a tempo e com meios convenientes. Não é da nossa parte que está a descrença e desanimação, mas da parte dos que nos collocam abaixo de todos por descreverem da posição vantajossima em que a desavença das nações com a China nos encontramos. Finalmente dizemos que por mais que a nossa posição na China se queira atenuar até 1846, ella era infinitamente superior á de todas as nações da Europa, e agora é inferior a ellas.

Collocamos, pois, o nosso artigo e a resposta em frente um da outra; e os leitores verão que esta confirma aquella.

E fazemos votos para que nem os chins, nem as outras nações tenham em algum tempo a tentação de se aproveitar da interpretação que o tratado l'hes abandona.

E nós fazemos votos para que essa tentação nunca deixe de realizar-se, porque só com a interpretação do Tratado ganhâmos na China uma posição digna, independente, e a par, se não acima, das nações poderosas, que obtiveram no imperio, á custa de tamanhos sacrificios, tratados com vantagens em nada maiores que as do nosso.

Em que artigo do Tratado viu a *Nação* a ambiguidade d'estipulações com que se mostra receosa de que, tentando enganar, sejâmos enganados? Será n'aquelles em que os chinas,—que nem ao menos n'um documento que fallasse do assumpto (e não eram poucos!) deixaram de declarar bem expressa e incontraditadamente seu o territorio da colonia portugueza de Macau, que nem se quer n'um anno se abstiveram d'exigir o pagamento do fóro d'esse territorio até abril de 1862,—claramente reconhecem agora portugueza a mesma colonia, respeitam a sua inviolabilidade pedindo-l'he a admissão de um consul, com poderes identicos aos das outras nações, e a reciprocidade da extradicação, tributam ao seu governador o titulo que só dão ao vice-rei d'uma provincia, e a equiparam finalmente em vantagens politicas e commerciaes á visinha colonia de Hongkong, tão violentamente cedida aos canhões de



Henry Pottinger? Deve ser; mas que diria a *Nação* se o Tratado, em vez de não estipular esta independência, mas de a fazer admitir bem claramente a quem sempre, e ainda então, a negava, inserisse um artigo em que se conviesse que a *colônia de Macau ficava pertencendo a Portugal?* condemnava como condemna tudo o que não é do seu tempo, mas, n'este caso, o systema acertava, porque o plenipotenciario que assignasse uma semelhante estipulação calcava aos pés todo um passado de glórias nacionaes, unico apoio em que firmára o direito a exigir-l'a. E, comtudo é isto o que a *Nação* parece desejar.

Mas,—dirá,—por que se amiquilaram então os documentos do passado?—Porque taes documentos, longe de exaltar, deprimiam, empanavam, desmentiam as glórias que elle nos legára, e porque se a *nação portugueza não éra com todas as vergonhas que se lavaram com a assignatura de 13 d'agosto*,—como ajuizadamente pondera,—não deixava por isso de soffrer com ellas de facto a nossa posição n'este paiz, nem urgia menos que desaparecessem para dar lugar a um primeiro Tratado entre Portugal e a China, honroso á face da Europa e digno das pretensões que, por tanto tempo, diligenciámos inutilmente fazer valer.

Como se vê, a *Nação* não faz mais do que repetir as ideias já refutadas por nós, evitando pouco ingenhosamente discutir a refutação. Se n'algum ponto nos leva manifesta vantagem de argumentos, é na infidelidade com que reproduz os nossos, que só assim adulterados podêram dar-lhe, em quatro periodos, um vislumbre infeliz de boa dialectica. Nós não dissemos, por exemplo, que houvera entre os dois paizes estipulações pouco ou muito honrosas: dissemos que a honra e dignidade das nossas relações com a China eram grandemente prejudicadas pelos documentos que herdáramos do passado. D'esses documentos os mais importantes talvez são dois decretos imperiaes, e se, pelo facto da obediencia tacita, a *Nação* lhes quer dar força de convenções ou tratados, pôde faze-l'os, mas... depois de os ler, não vá em seguida arrependêr-se. Tambem não negámos ter sido a cathedral de Pekim levantada pelos nossos missionarios, o que toda a gente sabe: affirmámos, em portuguez claro, que uma outra igreja o não fóra, podendo citar dezenas. A confusão pareceu-nos forçada, e muito de ler-se o infantil argumento. Quando á *grande e singular suprenacia da nação portugueza na China sobre todas as outras*, que vale de si bastante para não carecer de hyperboles, reprovámos que se desse ao passado desmedidas proporções com o intuito systematico de deprimir o presente.

Vae longo o artigo, mas não nos fatiga o assumpto, a que tornaremos em breve.

A. MARQUES PEREIRA.

SABEMOS com toda a certeza, que um edital foi publicado pelo Mandarim da Casa Branca, convidando os chinas ricos, moradores em Macau, a concorrerem com elle n'uma subscrição, para com o seu producto se removerem aquellas sepulturas, que não tem quem as attenda. Este edital dizem-nos que está escripto n'uma linguagem, que não é costume ser empregada por estas authorities.

Já antes do edital apparecer, se dizia, que tendo os *fanaticos* recorrido ao dito Mandarim, persuadidos talvez que ainda estavam no tempo passado, o Mandarim lhes aconselhára que observassem as ordens do governo portuguez, removendo as sepulturas. A publicação do edital, confirma este boato.

Louvâmos a authority chinesa, porque nestes seus actos, dá uma prova de intelligencia e sabedoria.

A subscrição aconselhada já se achava porem aberta antes do apparecimento do edital alludido: sabêmos que um portuguez, negociante desta praça, não só advertira aos chinas ricos do bazaar este expediente, mas fóra elle proprio o primeiro subscriptor, com uma avultada quantia. Achâmos louvavel este procedimento, e fazemos votos por estes auxilios, dos quaes só podem resultar beneficios para o socego e boa marcha dos negocios publicos.

Grande numero de sepulturas já se tem removido, e na presença dos factos que hoje narrámos, convencidos do seu bom resultado, rogâmos ao governo a revogação do praso por mais alguns dias, visto que elle está prestes a espirar.

As transigencias que se podem consentir, sem quebra de prestigio, nem de dignidade, não temos reboço de as aconsellar sempre, e estamos certos de ser ouvidos, porque temos confiança nas boas intenções do Governo, e na sua integridade e justiça.

Queremos a lucta, energica e digna, para se vencerem as difficuldades, todas as vezes que o fanatismo pretender com ellas travar a marcha da civilisação; mas entendêmos, que não será perdida jamais toda e qualquer attenção benigna que, nos possiveis limites, se tenha em favor destes povos embrutecidos pelos preconceitos que os acompanham desde o berço.

Ficâmos pois convencidos, que o governo addiará por mais alguns dias o praso quasi a expirar para a remoção das sepulturas do campo de Santo Antonio.

As obras que ali se projectam vão em breve começar n'uma parte dos terrenos já concedidos, e consta-nos,—o que de resto era de esperar,—que se tem manifestado tão subido empenho por esses terrenos que, em menos de um anno, poderemos ali ver, em lugar de um cemiterio esterçado e montuoso, um bairro animado e coberto d'edificações regulares.

## NOTICIAS DIVERSAS.

**Expediente.**—Sentimos que, pelo jornal se achar completo com materia que tem o direito de prioridade, não possâmos dar cabimento á analyse dos artigos do *Daily Press*, de 19 e 20 do corrente, que dizem respeito a Macau.

A mesma estreiteza d'espaco nos obriga a reservar para o seguinte numero um communicado sobre missões, e uma correspondencia do nosso apreciavel collaborador e amigo, o sr. dr. Lucio Augusto da Silva.

Deparâmos acaso com uma correspondencia, publicada em Hongkong em 18 do corrente, que attribue ao primeiro artigo do nosso primeiro numero *erros historicos e anachronismos*.

Ora, nós para provar ao *historico* auctor della que em o nosso artigo não ha o que só elle pintou na phantasia escandecida, era mister faltarmos ao nosso programma, peando as columnas deste jornal com futilidades que não interessam a ninguem. De mais a mais cremos que não é caracteristico do bom senso entrar em questào se s. s., que, convidando-lhe desprezar a accepção genuina do artigo para notar o erro onde o não ha, finge, com requintado ardil ou talvez com espontaneas *gentilezas*, deprehender cousas do artigo, que, mesmo sem saber hermeneutica, ninguem pôde deprehender; e o mais

é que, em meio de seus disparatados argumentos, dá um triste manifesto de inconsequente, ora considerando a felicidade no passado, ora considerando-a no futuro; devaneio este, que revela a volubillidade de um caracter, a quem por decóro se não deve aceitar a luva.

Outras contradicções encontramos na correspondencia, que pedimos a s. s., nos dispense de enumerar, mesmo porque o publico já de mais as conhece. Creia-nos, porém, sempre promptos para a precisa discussão de ideias bem coordenadas, mas, uma vez que volte com puerilidades, principalmente do jaez dessa correspondencia, escusa de esperar uma resposta nossa, porque essa resposta nos vexaria.

**Anniversario de S. M. a Rainha.**—O decimo sexto anniversario de Sua Magestade a Sênhora D. Maria Pia foi saudado na colônia com as demonstrações de grande gala do estylo.

—A noite houve musica em frente do palacio do governo. Notâmos não se haverem illuminado as janellas do palacio do Leal Senado.

**Baile.**—Annuncia-se um baile, no palacio do governo, para o dia 31 do corrente, anniversario natalicio de Sua Magestade El-Rei, o senhor D. Luiz I.

Consta-nos que o desejo de S. Exa. o governador é offerecer á sociedade macaense uma festa brilhante e digna em tudo do fausto motivo que a ditou.

**Fabula.**—O *Boletim* de segunda-feira desmentiu, com um officio do commandante da Policia de Macau, a noticia dada pelo *Echo do povo*, jornal de Hongkong, de haverem sido aqui presos dois chinas, por ordem do mandarim da Casa Branca.

**Outra.**—O mesmo jornal, *Echo do Povo*, no seu numero de domingo, inserte um communicado de censura á sentença de um processo recente da policia correccional d'esta cidade: sufficientemente informados do assumpto, lamentâmos que se dê cabimento n'um jornal á defeza de um assassino manilhense, que teria apunhalado um emigrante china inoffensivo se lhe não tollessem o braço homicida. Quanto á pretensão do superintendente a invadir as attribuições da auctoridade judiciaria, só poderá accreditar-l'a quem suppozer aquelle funcionario inteiramente privado de senso commum e da consciencia dos seus deveres.

**Estatistica.**—Nos ultimos mappas estatísticos trimestraes, publicados pelo *Boletim do Governo*, vemos que a mortalidade entre a população christã de Macau foi, durante os mezes de julho, agosto e setembro d'este anno, de 15 homens, 23 mulheres, e 6 menores d'ambos os sexos, ou de 44 individuos ao todo.

Durante esse periodo houve 8 casamentos, e foi administrado o baptismo a 70 individuos, entrando n'estes 30 adultos.

## NOTICIAS DO REINO.

Por não ter chegado a mala, que nos costuma trazer os jornaes do reino, não podemos hoje offerecer grande novidade aos nossos leitores. Do que temos á vista, porém, escolheremos algumas noticias de mais curiosidade.

Um acto de verdadeira caridade se acabava de dar em Villa Nova de Constança. D. Maria Balbina Franco, vendo que a sancta casa da misericordia se achava a braços com grandes difficuldades para fundar um hospital, acudiu-lhe, por um impulso o mais nobre do coração, offerecendo-lhe um bello edificio, que reúne todas as condições necessarias. Esta caridosa senhora, julgando ainda pouco este grande offerecimento, concorreu com outros donativos de vulto, e não cessa de visitar aquelle estabelecimento de um modo o mais philantropico que se pôde imaginar.—Factos destes não carecem de comentarios, porque em si encerram o proprio louvor.

A imprensa pedia providencias sobre um facto de crueldade brutal, que se havia dado em Alvaizere. É o caso: Um homem, que conduzia um carro tirado por dois bois, encontrou na rua um bando de ovelhas, e os bois espantaram-se, atropellando algumas. O carroiro fez logo toda a diligencia por aquietar os bois, e a final pôde seguir seu caminho; mas, quando voltava, encontrou ali bastante povo e o dono das ovelhas. Este correu a lançar-se como uma fera ao pobre carroiro, mas o povo embaraçou-lhe o passo, reunindo-se depois mais gente, e começando a haver grande confusão. Então o dono das ovelhas, aproveitando este ensejo, foi do modo mais inhumano, barbaro e insolito saciar a sua vingança em um dos bois, serrando-lhe parte do queixo e alguns dentes!—Para uma fera destas é justo que se peça o maximo rigor das leis.

Tendo havido em Mafra uma desordem entre dois officaes de infantaria no. 10, ali destacados, e chegando a ponto de se cutilarem e promoverem o tumulto dos soldados, a officialidade toda do regimento havia ido ao paço da Ajuda manifestar o seu profundo desgosto por tão desagradaveis occorrencias; e El-Rei o snr. D. Luiz agradeceira aos officaes o



seu procedimento de militares briosos e respeitadores da disciplina.

Havia-se reunido em assembleia geral a Associação typographica portuense, a fim de tratar de uma questão de grande alcance litterario para Portugal e Brazil. O presidente propoz a discussão:—1.º "Que a sociedade de socorros dos typographos portuenses dirija ao governo uma representação, na qual mostre as vantagens que pôde trazer ao paiz um tratado de propriedade litteraria com o Brazil, pedindo ao mesmo tempo para que empregue todo o seu valimento, a fim de se realizar uma medida de tão immediato interesse para ambas as nações.—2.º "Que nesta representação se peça tambem ao governo a redução nos portes do correio, actualmente estabelecidos, em relação aos impressos que se dirigem de Portugal para o Brazil.—3.º "Que para ser levada a realisação esta representação, sejam convidados os escriptores e editores, para se discutir esta proposta.—Louvamos este pensamento, pois de sua realisação devem provir effectivamente grandes vantagens para as duas nações, onde se falla uma só linguagem. Portugal, que encerra em si extraordinarios talentos, carece do Brazil para alargar cada vez mais a esphera do seu consumo litterario, e o Brazil, com quanto possui tambem fecundadas intelligencias, precisa contudo da nossa litteratura.

Havia-se annunciada para outubro uma exposição agricola, feita no campo de Sant'Anna em Braga. O plano era dividir o campo em duas partes, uma para os productos do reino vegetal, outra para o do reino animal. Esperava-se que El-Rei o sr. D. Luiz iria assistir á inauguração.

Acabava de fundar-se um asylo para orphãos na villa de Barbacena no Alemtejo.—Estes estabelecimentos de piedade, invento sancto da civilisação, vão-se difundindo por todas as terras de Portugal. É que neste abençoado torrão, essencialmente religioso e livre, reina o grandioso pensamento das justas associações.

Foram approvados os estatutos de dois novos montepios, um denominado.—Associação dos mercenários e artes correlativas, e outro—Artístico lagoense.

Já trabalhavam os aparelhos da telegraphia electrica em Ponte de Lima e Arcos de Valle-de-Vez.

Publicamos hoje a estatística dos exames, feitos no lyceu nacional, desde 20 de junho até o 1.º de agosto. Diz um jornal que não ha exemplo de uma concurrencia tão grande, como a que se tem dado este anno, nos exames do lyceu de Lisboa.

Eis a estatística:

Instrução primaria	.....	506	—	approvedos	380
Portuguez	.....	519	"		455
Francez	.....	422	"		332
Latim	.....	377	"		310
Desenho	.....	258	"		233
Inglez	.....	152	"		134
Geographia	.....	146	"		126
Mathematica	.....	94	"		57
Philosophia	.....	35	"		27
Introdução	.....	32	"		25
Allemaõ	.....	13	"		13
Oratoria	.....	10	"		9
Grego	.....	9	"		7

Havia-se inaugurado a iluminação a gaz na cidade de Setubal. Houve na população demonstrações de vivo regosio, por ter conseguido este melhora mento municipal.

## NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

As que se receberam pela ultima mala não andiam tão muito ás que havíamos publicado no primeiro numero deste jornal, isto é, não alteram o que dissemos relativamente ás tendencias de paz que as grandes potencias da Europa estão mostrando na questão polaca: antes confirmam que não haverá guerra, disendo que continuam activamente as diligencias diplomaticas.

Dos Estados Unidos, a noticia mais importante é a que vem no Herald, que assegura que Seward, ministro dos estrangeiros, informara lord Russell que, se os corsarios confederados continuassem a aparelhar nos portos inglezes, os vasos de guerra federaes não considerariam os portos inglezes como uma protecção sufficiente para os corsarios.

O Herald recella que rebente a guerra com a Inglaterra antes que a insurreicção seja comprimida.

Disia-se, que a divisão Lee ia recuocar Frederichsburg e que uma parte de exercito de Meade occupa actualmente a margem esquerda do Rappahannock em frente dos confederados.

Uma noticia da mesma data diz que o general Lee deixara sem embarço o valle de Shenandoch.

O York Daily News assevera que o presidente Davis enviou um mensageiro a Napoleão, para lhe propôr uma alliança offensiva e defensiva; e que o governo confederado reconheceria o protectorado francez sobre o Mexico e se comprometteria a modificar a instituição da escravatura.

Do Mexico ha a importante noticia de que o conselho dos notaveis declarára que a nação mexicana adoptava o imperio, como forma de governo, e proclamava seu imperador o arquiduaque Maximiliano; e no caso deste principe não aceitar, o conselho sollicitava do Imperador Napoleão para que nomeasse um personagen da sua confiança para o throno do Mexico. No dia 10. de julho foi publicamente proclamado o imperio, e uma parte telegraphica de Paris de 10 diz, que o principe Maximiliano agradecerá já ao Imperador dos francezes as felicitações que este lhe dirige.

Na Prussia continua o conflicto constitucional. As camaras continuam encerradas e o governo vivendo dictatorialmente.

A attitude do principe real e a publicação da correspondencia deste principe com o rei seu pai afflige consideravelmente o partido reaccionario.

Ultimamente a Gazeta da Cruz, orgão deste partido, aconselhava uma mudança de politica externa indicando ao governo que devia afastar-se da Russia e aproximar-se da Austria e das potencias occidentaes; mas este manejo parece ter só tido em vista o afastar a Austria da intima alliança com as outras potencias.

Em Vienna d'Austria continua funcionando o parlamento, que se occupa de negocios de administração interna.

A Austria está definitivamente resolta a modificar a pauta das suas alfandegas no sentido liberal, preparando assim a entrar no Zollverein, ou Liga das alfandegas alemãs.

E um ultimo despacho diz que o Imperador d'Austria convidará os soberanos alemães a uma conferencia para tratarem da reforma federal.

## ANNUNCIOS.

### CORREIO MARITIMO.

A MALA para Europa e India, por um dos Vapores da Companhia Peninsular e Oriental, fechar-se-ha n'esta administração na Sexta-feira, 30 do corrente, ás 10 horas da manhã.

JOSE DA SILVA,  
Administrador Interino.

Correio Maritimo,  
Macau 15 de Outubro de 1863.

### AVISO.

A GALERA Deslunbrante de 1.ª classe, Capitão Manoel Francisco de Souza, sahirá para Lisboa em 12 de Novembro proximo. Quem na mesma quizer carregar, ou ir de passagem, para o que tem excellentes commodos, trata-se no Escriptorio de

A. A. DE MELLO & C.ª  
Macau 14 d'Outubro de 1863.

### FAZENDAS DE INVERNO.

GRANDE sortimento de Casimira, Pano preto, Circassiana e Veludo de diferentes cores, por preços commodos.

Dirija-se á Loja de  
J. DA SILVA.

Macau 7 de Outubro de 1863.

ABAIXO ASSIGNADO annuncia ao publico, que tendo dado maior desenvolvimento ás suas Officinas, acha-se agora ainda mais habilitado para se encarregar de todo o genero de trabalhos typographicos, executados com presteza e nitidez, por preços muito rasosaveis.

J. DA SILVA.

A CHA-SE á venda na loja do abaixo assignado um lindo e variado sortimento de Joias para senhoras, Estojos, Bolças, Pentes, Fitas de diferentes cores, Renda de seda e de algodão, e varios outros objectos de bom gosto.

Calçados Inglezes para homens.

Alcatifas para salas e sofás.

Albums para retratos.

Clarete de primeira qualidade.

Cerveira Hollandeza.

Cerveja.

Amendoas Francezas crystalisadas.

Ornamentos para tocadores.

Diferentes fazendas de lã, algodão e linho para homens e senhoras.

J. DA SILVA.

Macau 6 de Outubro de 1863.

## ESTADO DO MERCADO.

ARRÓZ.—Da China—vale \$2.35 @ 2.85.  
De Bengala, " \$2.10 @ 2.25.  
De Manilla " \$2.00 @ 2.15.  
De Saigon " \$2.00 @ 2.10.  
De Siam " \$1.80 @ 2.00.

As noticias favoraveis, de Nimpó, fiseram no principio da semana dar alguma animação, porém não havendo vendas, e chegando alguns juncos com alguma quantidade deste artigo, depressa se afrouxaram os preços, e desanimaram as transacções. A quantidade do arroz da China trazida pelos juncos não se sabe, porém ha razões para se suppor abundante.

ALGODÃO.—Regulam os preços da semana passada. Esporadicamente do norte da China grande porção, o que fará cair o preço. Continua a não haver algoida da India.

SALITRE.—De 1.ª qualidade é muito procurado, e diz-se valer \$14: para a 2.ª qualidade, inferior, não ha compradores.

ARÉCA.—Ela e nova é muito procurada; vale \$2.20 @ 3 por picco.

ASSUCAR.—Não tem alterações. Uma grande porção de diferentes qualidades, chegou nas Sommas de Oeste, porém supõe-se que a maior parte, ou toda a porção, foi por conta dos chinas para Hongkong.

CANELLA.—Continua a faltar no mercado.  
OLEO DE CANELLA.—Vale \$200.

OLEO DE ANIZ.—Venderam-se 50 picos, \$135 @ 138.  
PEDRA DE FIM.—Vale \$1.90 @ 2. Existem 3,000 picos, ultimamente chegados.

ROTTIN DE BANJARMASING.—Vale \$4.50.  
DE SINGAPER.— " \$3.75 @ 4.  
PIRENTA.—Vale \$7.25 @ 7.50. A branda \$14.  
SIBUCÃO.—De Manilla e Siam, vale \$1.80 @ 2.40. Não ha.

## MOVIMENTO DO PORTO.

Desde 15 a 21 de Outubro.

### ENTRADAS.

Dia 15.—Galera Portuguesa "D. Maria Pia"—Capitão, Fale—752 toneladas—de Hongkong, em lastro.  
" 15.—Barca Prussiana "William Pustau"—Capitão, Page—344 toneladas—de Hongkong, em lastro.  
" 15.—Vapor China, ao serviço da alfandega chinesa, "Confú"—Capitão Graves—45 toneladas, de Cantão.  
" 20.—Escuna Hespanhola "Davia"—Capitão, Ansolea—230 toneladas—de Sual, com arroz.  
" 20.—Barca Hamburguesa "Civale"—Capitão, Laussen—388 toneladas—de Hongkong, em lastro.

### SABIDAS.

Dia 16.—Vapor China "Confú"—Capitão, Graves—para Cantão.  
" 17.—Brigue Portuguez "Concordia"—Capitão, J. F. Grill—226 toneladas—para Singapura e Pinang, com sombreros e tabaco chinês.  
" 18.—Galera Peranna "Westward Ho"—Capitão, Arauco—1120 toneladas—para Callão de Lima, com 700 passageiros chinas.  
" 21.—Barca Hamburguesa "Siva"—Capitão, Brossen—246 toneladas para Hamburgo, com canela e chá.  
" 21.—Barca Inglesa "Amitté"—Capitão, Ervert—427 toneladas—para Singapura, com chá, pivetes, e pancheões.

## NAVIOS MERCANTES SURTOS EM MACAU EM 22 DE OUTUBRO.

ESTRADA	APARELHO	NAÇÃO	NOME	CAPTÃO	TON.	PROCEDENCIA	CONSIGNATARIO	ANCORADORO	DESTINO	OBSERVAÇÕES
Junho 25	Galera	Portuguesa	Pamella		670	Hongkong	A. A. de Mello & Ca.	Rio		Desarmado
" 25	Barca	Idem	Tremelga	G. Marques	371	Singapura	L. Marques	Rio		Idem
" 25	Idem	Idem	Sau-Li	M. Vital	246	Idem	B. Pereira	Rio		Idem
" 26	Idem	Idem	S. Francisco Xer.	J. L. da Silva	236	Goa	V. da Portaria	Rio	Goa	A carga
Agosto 16	Galera	Idem	Luzita	J. M. de Pinna	685	Idem	Vossen & Siches	Taipá	Havana	Com passageiros chinas
Sethro. 3	Idem	Idem	Camões	V. de Nogueira	836	Idem	Idem	Taipá	Idem	Idem
" 4	Idem	Idem	Deslunbrante	M. F. Souza	628	Lisboa	A. A. de Mello & Ca.	Rio	Lisboa	A carga
" 8	Idem	Idem	Eliza		219	Callão de Lima	M. A. da Ponte	Rio		Desarmado
" 12	Idem	Idem	D. M.ª da Gloria	Ensebio Baptista	592	Idem	Vossen & Siches	Taipá	Havana	Com passageiros chinas
" 13	Junco	Siamez	Cammenhem	Com-chem	297	Siam	Menkui	Rio	Siam	A carga
Outubro. 2	Barca	Hollandeza	Alfred	H. P. S. T.	350	Macassar	Van der Hoeven	Rio		Idem
" 7	Galera	Portuguesa	Vasco da Gama	J. J. da Silva	1001	Hongkong	Vossen & Siches	Taipá	Havana	Com passageiros chinas
" 7	Barca	Hamburgueza	Ophelia	Tonges	350	Suataw	Gust Raynal	Rio	Hamburgo	A carga
" 12	Barca	Bremen	Rudolph	Linders	245	Hongkong	Sensan & Co.	Rio		Idem
" 13	Brigue	Portuguez	Camilla	P. Grill	204	Hongkong	A. A. de Mello	Rio		Idem
" 15	Galera	Portuguesa	D. Maria Pia	H. Xavier	752	Hongkong	M. A. da Ponte	Rio	Callão	Com passageiros chinas
" 15	Barca	Prussiana	William Pustau	Page	344	Idem	Gustav Raynal	Rio		A carga
" 20	Escuna	Hespanhola	Denia	Ansulaga	230	Sual	L. F. Castro & Ca.	Rio		Descarregando
" 20	Barca	Hamburgueza	Civale	Laussen	388	Hongkong	A. A. de Mello & Ca.	Rio	Singapura	A carga